

MOÇÃO DE PESAR Nº 12.308/2011

Manifesta Pesar pelo falecimento da Profª Dra. Kátia M. de Queirós Mattoso.

A Assembleia Legislativa da Bahia faz inserir na Ata dos seus trabalhos, MOÇÃO DE PESAR pela morte da Profª Dra. Kátia M. de Queiroz Mattoso, 78 anos de idade, dia 11 do corrente, na cidade de Paris (França), com sepultamento na Grécia, sua terra natal.

Foi com muitos e sentidos lamentos que familiares da historiadora, Dra. Kátia Mattoso, tomaram conhecimento do seu falecimento, em decorrência uma enfermidade cancerológica, ontem dia 11, em Paris, sentimentos extensivos por toda a Bahia, e no particular pela comunidade de historiadores e intelectuais.

A perda da eminente Mestra e pesquisadora da UFB^a, que em vida dedicou-se em uma verdadeira ação missionária nos estudos e no ensino da história da Escravidão no Brasil, e mais especialmente na Bahia, indo ao contexto mais amplo e diverso das fâcies antropológicas que participaram do processo histórico, que veio a resultar na atual sociedade baiana.

A cientista política, historiadora e especialista em história social da escravidão no Brasil, Kátia Maria de Queiroz Mattoso, era também doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia e Professora Emérita aposentada da Universidade de Paris V – Sorbonne. Kátia Mattoso é autora, entre outras obras, de Ser Escravo no Brasil (Brasiliense, 1982) e Bahia Século XIX – Uma Província no Império (Nova Fronteira, 1992).

Em 13/03/2000, nas comemorações do Brasil 500 Anos, a Folha de São, esteve em Paris, através do jornalista Otávio Dias, entrevistando a historiadora brasileira, já radicada em Paris, que acreditamos pela sua importância para registro dos Anais desta Casa, a a sua reprodução:

““ Folha - A sra. considera importante comemorar os 500 anos do Descobrimento do Brasil?
Katia Mattoso - As comemorações só têm sentido se levarem a uma reflexão sobre o nosso passado. Temos um problema de identidade que se origina no momento de nossa separação de Portugal. Durante muito tempo, a tendência dos historiadores e dos intelectuais foi jogar a culpa sobre o período colonial. Nossa personalidade tardaria a vir porque fomos colônia. O problema de identidade só será resolvido quando -e esse é o momento de fazer isso- começarmos a nos pensar não mais como colonizados, mas como tendo feito parte de um grande império, o Império Português.

O Brasil desempenhou um papel extremamente importante nesse império, principalmente após o século 17. Não era um apêndice de Portugal. Se pensarmos nossa história junto com aqueles que foram o ponto de partida do que o Brasil é hoje, encontraremos elementos para nos identificarmos de forma diferente da que fizemos até agora.

Folha - A sra. pode dar um exemplo desse papel central do Brasil no Império Português?

Mattoso - O etnólogo Pierre Verger (1902-1996) foi o primeiro a mostrar que o Brasil, desde o princípio do século 17, mantinha relações diretas com a África no comércio de escravos. O tráfico realizado por Portugal só existiu no começo. Desde o século 17, nós, brasileiros, já estávamos em Angola. A Bahia teve relações intensas com a África até o século 19. Essa troca só deixou de existir quando o continente africano foi dividido e colonizado pelas potências européias. Então o Brasil não pôde mais se meter na África.

Folha - O Brasil e a África ganhariam com uma retomada dessa relação?

Mattoso - Sim. Se olharmos dessa forma, veremos que temos uma dívida com a África e que deveríamos contribuir para auxiliar países como Moçambique e Angola, de onde vieram muitos de nossos escravos. Devemos reparações morais a esses povos.

Folha - O nome de um dos seus livros mais conhecidos é "Ser Escravo no Brasil". Hoje, 500 anos após o Descobrimento, como seria um livro que tivesse o título "Ser Negro no Brasil"?

Mattoso - Negro e escravo são dois termos que, até certo ponto da história do Brasil, definiam a mesma situação. Eram sinônimos. Atualmente não há escravidão, mas temos uma grande população negra e, às vezes, sua situação ainda se assemelha à que existia no passado. Isso porque os negros, depois de libertos, tiveram de fazer seu caminho sozinhos. Não receberam o apoio institucional necessário. É importante dizer que a posição do negro brasileiro atualmente depende também do peso que tem dentro de determinada sociedade, em especial nos meios urbanos.

Folha - Como assim?

Mattoso - Em áreas onde os negros são majoritários -a Bahia é um caso exemplar-, há pessoas negras que ocupam posições nos mais variados escalões da sociedade. A posição do negro na Bahia não é a mesma do negro em São Paulo, embora São Paulo tenha um prefeito negro. Em sua gênese e em seu desenvolvimento inicial, São Paulo é uma cidade de brancos. O enegrecimento da cidade é recente. Em regiões como a Bahia, o negro é muito mais presente. Isso não quer dizer que ele tenha facilidade de ocupar qualquer posição porque ainda existe um forte espírito escravista nessas sociedades.

Folha - Na Bahia, o negro tem uma participação maior, mas, ao mesmo tempo, o preconceito continua?

Mattoso - Sim, em áreas de cultura de cana-de-açúcar, como Pernambuco, Bahia, Paraíba e também no Rio de Janeiro, há uma cultura escravista mais forte. Os escravos começaram a chegar à Bahia já na segunda metade do século 16. Em São Paulo, eles só chegaram no século 18. Isso faz com que a relação mestre de escravos-escravo ainda esteja, de certa forma, presente. A reação ainda é a de ver o negro como descendente de escravos. Isso tende a desaparecer, mas ainda existe.

Folha - A sra. se refere às elites brancas da Bahia?

Mattoso - Não, é um comportamento mais ou menos generalizado. Inclusive porque a maioria da elite baiana tem alguma origem negra. Basta ir à Faculdade de Medicina de Salvador, onde há retratos de todos os professores desde a sua fundação, no início do século 19. Muitos são mulatos ou negros. Isso não aparece em nenhum registro, mas basta ver os retratos. Na Bahia, o negro é majoritário e a sociedade precisa funcionar com a maioria. Mas ainda existe um tratamento que lembra a época escravista.

Folha - E por que isso tende a desaparecer?

Mattoso - Porque a cidade de Salvador é hoje uma grande metrópole, não tem nada a ver com o que era há 15 anos. A população mais pobre está melhorando de vida. A indigência continua a existir, mas os excluídos começam a ter uma superfície social que não tinham antes. Por exemplo: as antigas favelas eram de madeira. Atualmente, as casas são de tijolos. Continuam miseráveis, mas houve um progresso. Também é preciso destacar o trabalho feito pelas associações negras da Bahia, que souberam se impor.””

O sepultamento da Mestra da História Baiana e Brasileira, será na Grécia, país onde nasceu, mas a data não foi comunicada. Na Bahia, amigos e ex-alunos poderão prestar sua homenagem na missa de sétimo dia, encomendada pela Fundação Pedro Calmon, segunda-feira, às 10 horas, na Igreja de São Bento.

Dê-se ciência da presente Moção as Senhoras suas filhas Teresa Cristina de Queiroz Mattoso Mendonça, Ana Vera Queirós Mattoso Halaris; aos seus netos e bisnetos Marcos, Mariana, Zacharias, Paul, Marcos Filho, Tomás, Tiago, Pedro, Antonia, Michaelis e Alexandre, ao Senhor Jacques Wagner, Exmo. Governador da Bahia, a Sra. Professora Dra. DORA LEAL ROSAS, Magnífica Reitora da UFBA; ao Prof. Ubiratan Castro, diretor da Fundação Pedro Calmon; a mídia da capital e interior.

Sala das Sessões, 12 de janeiro de 2011

Deputado Heraldo Rocha (DEM)
Líder da Minoria